

# “A CURA: PELAS MÃOS OU PELA FÉ?” TÉCNICA E A FÉ NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA ZONA RURAL DE MANAUS-AM

THE CURE: BY HANDS OR BY FAITH? TECHNICAL AND FAITH IN CULTURAL  
EVENTS THE COUNTRYSIDE AREA OF MANAUS AM

Aguida Meneses Valadares Demetrio<sup>1</sup>



## RESUMO

A *cultura* evoca interesses multidisciplinares, representando manifestações comportamentais de um *povo, com suas crenças e tradições*. Pesquisa etnográfica, relato das benzeções para tratar quebrantos, arca-caída, mau-olhado. Descrição das “puxações”, prática tradicional na zona rural de Manaus. Método etnográfico, utilizando a técnica de observação participante. Para cada mal, uma reza, para cada dor, uma técnica, tendo como instrumentos a fé para cura da doença ou alívio para a dor.

**Palavras-chave:** Cultura. Tradição. Benzeção. Puxação.

## ABSTRACT

The culture evokes multidisciplinary interests, representing behavioral manifestations of a people, with their beliefs and traditions. Ethnographic research, relate blessing treat witchcraft, sticleback fallen, evil eye. Description of “Puxação” (pull and pull), traditional practice in the countryside area of Manaus. Ethnographic method, using the technique of participant observation. For each evil, one pray; for every pain, a technique; having as instruments the faith to cure the disease or relief for the pain.

**Keywords:** Culture; Tradition; “Benzeção”; “Puxação”.

---

<sup>1</sup> Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM (2017); Especialização em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas - CIESA (2013); Graduada em Ciências Contábeis - CIESA (2001). E-mail: [HYPERLINK "mailto:agdademetrio@gmail.com"](mailto:agdademetrio@gmail.com) agdademetrio@gmail.com Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4893924P7>

## 1 INTRODUÇÃO

Para assimilarmos técnica e fé conceitualmente, denominamos de “técnica” os saberes de ordem prática ou de procedimentos para a execução de um ato, com a utilização de destreza manual ou intelectual geralmente aperfeiçoada com a repetição ou a inserção de novos métodos, buscando um determinado resultado. Fé, no Catolicismo, é a primeira das três virtudes teológicas (Fé; Esperança; Caridade), a qual, de acordo com Cláudia Silva (2006, p. 328), “quanto mais o fiel praticar e viver a *caridade*, a *fé* e a *esperança* - a denominada *virtude teologal*, mais a caridade possibilita a relação de união e comunhão com o outro, seu irmão, porque considerado filho do mesmo Pai”. Fé deriva do latim *fides*, que quer dizer confiança, crença, promessa.

Em conformidade com o Antônio Houaiss e Mauro Villar (2010), fé é uma crença religiosa, confiança absoluta em alguém ou em algo; comprovação e testemunho. Através da fé os cristãos creem em Deus, nas suas verdades reveladas, reforçando a sua crença em algo que não podem ver, tocar, mas podem sentir, presenciar. Quando se interliga técnica e fé, as crenças se fortalecem, intensificando as tradições de um povo, ultrapassando as barreiras do tempo, permanecendo ainda como prática comum entre eles.

Diversos males e curas constituem esse “horizonte mágico”, no qual as crenças, a fé e as simpatias representam as tradições de um povo. Para cada um desses males, físicos ou espirituais, há orações diferenciadas e técnicas específicas. Nas

comunidades rurais, essa busca da cura para os males do corpo e da alma advém tanto das crenças e tradições repassadas de pais para filhos, quanto da escassez da oferta de médicos. Neste trabalho, instigadas pela vontade premente do registro, procuramos ressaltar a importância desta cultura, buscando inscrevê-la etnograficamente, evitando que se perca a sua sistematização suplantada pela modernidade ou pelos ajustes culturais e sociais.

A proposta de abordagem teórico-metodológica para este trabalho se fundamentou na pesquisa qualitativa que, segundo Maria Cecília Minayo (2015, p. 22), “se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado” e nela intentamos executá-la através de proximidade social, para que os envolvidos na pesquisa pudessem sentir-se mais à vontade. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2010) recomendam que o pesquisador desça do “pedestal cultural” isolando o seu “capital cultural” para que ambos possam se entender. O entrevistador deve fazer tudo para diminuir a violência simbólica<sup>2</sup> que é exercida através dele na atuação como pesquisador.

No tocante à área de conhecimento, de acordo com Antônio Gil (2010, p. 26), esta adequa-se entre as Ciências Sociais Aplicadas, porém, permitindo o diálogo com diversas grandes áreas do conhecimento, através da inter e da transdisciplinaridade.

Esta é uma pesquisa etnográfica, tendo como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente, utilizando a técnica da observação participante.

Na etnografia, é recomendável ao etnógrafo que, de vez em quando, deixe

<sup>2</sup> O autor refere-se à violência simbólica como o processo em que a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados, reportando-se, nesse contexto, ao pesquisador que, ao inserir-se no campo pesquisado, não deve sobrepor a sua cultura em detrimento ao povo pesquisado (pedestal e capital cultural), ou que o seu grau de conhecimento não se torne elemento que o distancie sobremaneira dos sujeitos da pesquisa.

de lado a máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo, tomando parte nas atividades, passeios, ou sentar-se com eles, ouvindo e participando das conversas, conforme orientações advindas dos estudos de (ADJAIR ALVES 2011; BRONISLAU MALINOWSKI, 1978; GLÁUCIO MATOS, 2015; JOÃO PACHECO OLIVEIRA FILHO, 1999; WILLIAM WHYTE, 2005), os quais registraram, cada um em seu momento e em seu espaço geográfico, a cultura local que os instigaram aos estudos.

Nesse aprofundamento, isto me<sup>3</sup> impulsionou a participar, vivenciar, observar, conhecer suas rotinas, costumes, tradições, “ao invés de apenas realizar entrevistas formais em maior ou menor grau – a situação da entrevista pode modificar as respostas -, e estar atento principalmente a tudo o que se diz nas conversas espontâneas”, conforme orienta Denys Cucche (2002, p. 43), instruindo inclusive que, se o etnólogo quer conhecer e compreender uma cultura, então deverá vivenciar a referida cultura.

O Projeto de assentamento Tarumã-Mirim foi criado em 1970 e com o decorrer do processo foi se subdividindo em diversas comunidades. Do ramal principal abrem-se as vicinais que adentram no território rural. O acesso ao referido assentamento pode ser realizado por via terrestre, através do Ramal do Pau-rosa, estrada secundária, à altura do km 21 da BR 174 (sentido Manaus-AM / Boa Vista-RR) e por via fluvial, indo pelo Rio Negro através do igarapé Tarumã-Mirim a sudoeste, e pelo igarapé Tarumã-Açu a noroeste. Limita-se ao norte e ao sul com terras da União de competência da Superintendência

da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA (BRASIL, 1999). Possui uma área de 42.910,76 ha. com capacidade para assentar 1.042 famílias, conforme Willer Pinto e Albertino Carvalho (2007), porém existindo quantidade superior ao estipulado, por haver, em diversos lotes, mais de uma família lá residindo.

No registro da historicidade do Tarumã-Mirim, enquanto entrevistava a benzedeira da região, percebi a intensa procura pela puxação. Isto me intrigou, pela assiduidade em que ela era requisitada para tal prática. Resolvi aprofundar o entendimento acerca de tal, inclusive alterando o calendário das entrevistas para uma melhor assimilação nos entendimentos dialógicos, compreendendo que uma cultura popular é, ao mesmo tempo, uma cultura de aceitação e uma cultura de negação, em um vai-e-vem de interposições.

Nessa dialógica, pelas teorias de Edgar Morin (2014, p. 189), duas lógicas, dois princípios, unidos, porém sem que a dualidade se perca nessa unidade, o que leva uma mesma prática a ser interpretada como participando de suas lógicas opostas, ou seja, o racionalismo (através da cientificidade) dialogando com o empirismo (sua prática vivenciada no cotidiano), a verificação (que possa permitir, ou não, a sua falseabilidade) com a imaginação (na formulação das possíveis hipóteses que poderão ser ou não confirmadas), no entanto, nem por isto elas podem ser mais ou menos válidas. E esse aprofundamento só seria possível na vivência empírica daquilo que se pretende estudar.

<sup>3</sup> João Pacheco de Oliveira Filho, na sua obra *Ensaio em Antropologia Histórica*, no capítulo “O ofício do etnógrafo”, p. 212, ele cita que “Uma narrativa (etnográfica) deve ser escrita na 1ª pessoa, pois o olhar etnógrafo descreverá as diferenças e a variação no outro”. Nesse trabalho, cito o “eu” nos momentos específicos da pesquisa de campo, retornando ao pronome na 1ª pessoa do plural nas análises e interpretações dos dados coletados, procedidos conjuntamente com a coautora.

Através dos estudos de Malinowski (1975), não se pode estudar uma cultura analisando-a do exterior, e ainda menos à distância, e o processo etnográfico me permitiu essa “aproximação cultural”. Meu *feeling* de pesquisadora me instigou a pormenorizar, e entender, como se interligava uma prática manual com as crenças locais. Malinowski (1975, p. 21), reforça, instigando o etnógrafo a agir “simultaneamente como seu próprio cronista e como manipulador das fontes por ele próprio produzidas, por meio de tarefas muito simples, visualizando as culturas como um todo, observando integralmente por contato pessoal”.

Estas foram determinações que me impulsionaram a “sentir” a “puxação”, em busca de entendimentos para a descrição do fato e o entendimento da fé, através da observância e da vivência, da técnica e da prática, no que concerne às benzeções e puxações exercidas em Tarumã-Mirim. Esta prática (da puxação) cura através das mãos ou através da fé? Para a pesquisa de campo foi utilizado o gravador, e as informações do “dito” e do “observado” foram registradas no diário de campo, cuja transcrição resultou em 199 páginas que compuseram as bases empíricas para a dissertação da qual destacamos fragmentos pertinentes para compor este artigo. Tal pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética da Universidade Federal de Manaus, através do CAAE 51295515.9.0000.5020 e número de parecer 1.350.135, de 03 de dezembro de 2015.

## 1.1 CULTURA, TRADIÇÃO E COSTUMES

*Definir cultura, conforme Daniele Canedo (2009), evoca interesses multidisciplinares sendo estudada em áreas como Sociologia, Antropologia, História, Comunicação, Administração, Economia, entre outras. Em cada uma dessas áreas, ela é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal posicionamento nos remete seu próprio caráter transversal que perpassa diferentes campos da vida cotidiana (transdisciplinaridade), pois representa as manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização, inseridas na dança, música, crença, literatura, folclore, em que produzem e participam de forma ativa.*

O que diferencia o comportamento entre os grupos humanos é a sua cultura, conforme nos elucidam Silas Guerreiro (2009), pois só os humanos as fazem, pela sua capacidade de simbolizar os seus costumes, quer seja nas construções dos seus símbolos, utilizando ferramentas, ou na vivência da sua fé, através das suas crenças. No âmbito geral, Morin (2014, p. 79) classifica que somos seres culturais, psicológicos, biológicos e físicos, nos inserindo nesses quatro aspectos, refutando as disjunções ou as especializações no que concerne às ciências humanas e sociais, no entendimento dessas conjunturas.

Seguindo os direcionamentos de Couche (2002, p. 203), há algumas décadas, a cultura tende a suplantar outros termos mais usados anteriormente, como «mentalidade», «espírito», «tradição» e até «ideologia». De acordo com Kalina Silva e Maciel Silva (2009, p. 85), a cultura abrange

todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo, quer seja no plano concreto ou imaterial empregada socialmente e inserida na tradição de um povo. No âmbito da antropologia, essas tradições formam os elementos comuns aos membros de um grupo social, os hábitos, a maneira de pensar, crer, se comportar, de forma generalizada e prolongada.

José Maria Baldino et al (2015, p. 399) nos elucida que as manifestações populares povoam o imaginário coletivo e sua transmissão cultural segue as formas tradicionais sobre as quais repousam o universo de saberes da tradição. Analisando os estudos de Guerrero (2009, p. 13), a distinção entre Cultura e Natureza, entre humanos e demais animais, distinguem e ressaltam visão de superioridade, pois somente os humanos produzem cultura. Por outro lado, a maneira como se opera a cultura gera as diferenças entre os grupos humanos.

Se, para todo animal de uma mesma espécie, existe um mesmo tipo de comportamento, dado pelo instinto, para os membros da espécie *homo sapiens*, as diferenças deveriam estar além dos instintos biológicos, no campo da cultura, pela capacidade de simbolização, formando as nossas peculiaridades históricas, que se inserem em uma comunidade, através da sua oralidade e das suas memórias. Guerreiro (2009, p. 25-26) permanece nos esclarecendo que “somos uma espécie única que tem um lado biológico e de instintos e outro simbólico, cultural. As duas partes integram num todo inseparável”. Essas duas faces estão presentes nos hábitos, nas tradições e na cultura. Se o código genético não define o nosso comportamento, é necessária a cultura

para nos orientar e dizer como devemos nos comportar. Através de escolhas proporcionadas pelo livre arbítrio, cada grupo humano foi tecendo um conjunto de códigos e normas de conduta.

Desta maneira, os grupos foram se diferenciando, estabelecendo marcas distintivas, construindo identidades e formas diferenciadas de se relacionar, de agir e de comportar-se socialmente. Seja o relacionamento com a natureza, através de técnicas e ferramentas específicas, seja entre seus integrantes, por meio de linguagens distintas, ou ainda com o mundo do imaginário, através de mitologias próprias. Toda cultura deve ser vista como uma maneira possível de os homens se organizarem, formarem as suas identidades, se adaptarem ao meio em que vivem, buscando se adequarem às suas realidades e às suas crenças, formando histórias que se complementam ou se diferenciam, dependendo do contexto vivenciado, porém marcando o seu habitat com as suas peculiaridades e as suas especificidades, porque cada comunidade possui a sua história e a sua memória.

## 1.2 REZAS E “PUXAÇÕES” PARA CURAR O CORPO E O ESPÍRITO

A oração, considerada como um elemento fundamental para a manutenção do acesso ao universo das coisas e seres sagrados, conforme Edilson Pereira (2009) revela-se como chave para a compreensão de dinâmicas de pertencimento, pelo qual corpo, linguagem e sentidos constituem-se como elementos de uma totalidade produtora de orações e de situações que conduzem a experiências místicas. Isto

nos instiga a pensar sobre o que acontece quando alguém invoca um ser sagrado.

Pelo raciocínio socioantropológico, nos responderia que se dá a mobilização de uma série de significados e práticas que são socialmente concebidos como eficazes na interação com os seres aos quais são atribuídas características e poderes não humanos. Ao levarmos em consideração também os efeitos dessa invocação na relação que se forma entre a pessoa que profere algumas palavras e executa determinadas ações e o ser a quem essas palavras e ações se destinam, percebemos uma interação imaterial entre ambos, na qual a fé predomina.

Conforme Júlio Cesar Schweickardt (2002), a reza praticada pelos rezadores é magia, sendo ela uma prática comum no Brasil, no entendimento de que palavras e gestos irão interferir no processo natural das coisas, porque há uma relação entre fatos distintos que aparentemente não têm nenhuma relação, mas que a magia os põe em relação, unindo fé, reza e magia. Marcelo Mauss (1974, p.168) é categórico quando diz: "Não é mágico quem quer: há qualidades cuja posse distingue o mágico do comum dos homens. Umas são adquiridas, outras são congênicas; há as que lhe são atribuídas e outras que ele possui efetivamente".

Marisete Hoffmann-Horochofski, (2012, p. 128) nos esclarece que as benzeções são atividades antigas na sociedade e costumam serem associadas à religião católica, fato também relatado por Baldino et al. (2015, p. 398). Em todos os rituais de benzeções existem relações com a Igreja Católica, sendo a benzedeira "uma mulher de fé". Esse empoderamento,

advindo da religião católica, é um dos elementos essenciais que instiga a força do ato. Transmitida de geração a geração ou recebida como um "dom divino", o caráter sagrado das benzeções é evidenciado no gestual e/ou nas rezas das benzedeiras que visam curar doenças do corpo e do espírito.

Tais rituais de cura possibilitam formas de sociabilidade e interação entre os membros do grupo social, ainda que em determinados espaços geográficos tornem-se cada vez menos comum. A urbanização, o avanço tecnológico, a universalização da saúde, o ingresso e permanência no mercado de trabalho, conforme explana Hoffmann-Horochofski, (2012, p. 129), o crescimento de religiões evangélicas (que geralmente condenam essa prática) contribuem para atenuar essa tradição, e, quanto mais os costumes urbanos adentram nas áreas rurais, mais esses costumes tendem a desaparecer, sendo que, muitas vezes, sem os registros detalhados dessas práticas.

As rezas, os remédios naturais, as *imersões com folhas*, raízes, sementes e plantas diretamente na água quente constituem a "farmácia natural" do interior, complementadas com "uma boa dose" de fé, pela busca da cura e bem-estar físico e psíquico, exercidos por pessoas que carregam o "dom de curar", e que transmitem confiança aos que as procuram. Schweickardt (2002) nos esclarece que o poder adquirido para rezar (já que não são todos que rezam) é entendido como uma bênção, portanto, "não é possível nem parar de rezar, nem cobrar pelos serviços. [...] A pessoa uma vez que recebeu o dom, tem uma obrigatoriedade moral em

retribuir”. Quando falamos de rezadores, em termos ideais, temos em mente aqueles que usam da reza como meio simbólico para a cura de determinadas doenças.

### 1.3 A TÉCNICA DA FÉ

As comunidades são formadas por pessoas e lugares, e delas surgem as suas histórias naturais, cotidianas, diferentes, engraçadas. Culturas e memórias formam as raízes de um povo, através dos seus hábitos e comportamentos. Na comunidade Afatam<sup>4</sup>, no Projeto de assentamento Tarumã-Mirim, são muito arraigadas as práticas das benzeções e “puxações”, exercidas pela DIV-4<sup>5</sup>, 63 anos.

Mulher simpática e gentil, ela reside há 30 anos na comunidade. Citada por muitos moradores como uma “mulher de mãos mágicas e coração de ouro”, ela está inserida como um “patrimônio” valioso por aqueles que a procuram em busca do alívio de suas dores. Conheço-a desde 2009 quando eu realizava outros trabalhos naquele assentamento. Sua vivência solidária e voluntária abrange quatro contextos específicos, arraigando-os à cultura local: no conhecimento dos remédios caseiros; no ofício de parteira; na prática das benzeções e na técnica de puxação, demonstrando, nesses âmbitos, conhecimento, disponibilidade, solidariedade e fé.

Naquela época, muito solicitada para os serviços de parteira, hoje mais pela prática das benzeções e pela técnica da puxação. Em diversos diálogos, refiro-me às suas práticas como “a técnica da fé”, definições que lhe provoca risos e traços de timidez. Nas adequações entre ciência e empirismo, alocamos as qualidades da DIV-4 entre práticas adquiridas e congênicas. As adquiridas vieram da repetição (para a sua prática de “puxadeira” e parteira) e a parte congênita, das benzeções contra quebranto, mau olhado e arca-caída, haja vista que desde “menininha”, segundo suas palavras, já haviam percebido o seu dom.

#### 1.3.1 OS REMÉDIOS NATURAIS

A designação *remédios caseiros*, ou remédios naturais, possui a sua eficácia confirmada mais pelo empirismo que pelos estudos laboratoriais, principalmente aqueles à base de plantas (fitoterapia) geralmente bastante difundidos onde a farmácia não está ao alcance de todos. No Tarumã-Mirim, como em diversas outras comunidades onde houve implantação de posto de saúde, diversos costumes (tais quais os chazinhos para o alívio da dor, os óleos com seus efeitos antibióticos, as sementes para os diversos

<sup>4</sup> Em virtude de a pesquisa geral (a dissertação) relatar alguns fatos que poderiam comprometer a posse da terra de alguns moradores, bem como no intuito de manter o sigilo da pesquisa, substituímos o nome da comunidade escolhida por um pseudônimo que não a identifique, porém que detenha o significado do objeto pesquisado. A agricultura familiar no Tarumã-Mirim, que forma o acrônimo AFATAM. Os acrônimos são escritos em letras maiúsculas, porém neste trabalho o nome da comunidade foi citada em minúscula, exceto a 1ª letra, como se fosse uma palavra própria, identificando-a. Constituído por extensa área geográfica (42.910,76ha) com capacidade para assentar mais de 1.000 famílias, subdividindo-se em diversas comunidades, tornou-se inviável o trabalho de campo abranger a todo o assentamento, definindo-se o espaço de uma das comunidades (a Afatam) para as entrevistas, porém as diversas comunidades existentes no assentamento possuem rotinas e costumes similares.

<sup>5</sup> Para os sujeitos da pesquisa foram estipulados as siglas ENT-1 até ENT-70, aos 70 entrevistados na comunidade dentro dos critérios de inclusão (ser proprietário do lote, etc.), e, DIV-1 a DIV-6 aos personagens mais relevantes da comunidade (fora dos critérios da inclusão), também no intuito de preservar o anonimato dos entrevistados, dentre eles a DIV-4 como a benzedeira, parteira e “puxadeira”, e a DIV-1, agente de saúde do assentamento.

tratamentos) foram substituídos pelos fármacos manipulados em laboratórios. Os remédios caseiros ainda são difundidos somente entre os mais idosos.

Matos (2015), estudioso da realidade social amazônica, observou que, por um período longo de tempo, dado o processo de integração, os remédios caseiros foram gradativamente sendo relegados por não se constituírem de comprovações laboratoriais. Na medida em que os jovens do Projeto de assentamento Tarumã-Mirim não se preocupam com esses conhecimentos tradicionais, os medicamentos alopáticos vão substituindo o etnoconehecimento praticado na região, e os povos passam cada vez mais a depender do sistema de saúde disponibilizado pelo Estado. Entre os diálogos com a referida benzedeira, acerca de ervas, chás, e vermífugos, relatou-me ela que

As simente<sup>6</sup> do mamão, do mastruz são bons vermífugo pra matar lumbrigas. A andiroba e copaíba dão óleo qui servi cumo anti-inflamatório. As fôia (folhas) das ervas cidreiras e capim santo é um bom remédio pros gáis (gases) das crianças, "disarranjo" no estômago dos grandim, e é calmante pra todo mundo. Mas, muita gente agora, principalmente a moçada mais nova, prefere ir no postim (posto de saúde) e pegar lá os remédio du quê tê o trabaio de extrair, fazer, ou vim aqui pegá. As veiz os mais véi planta, ou vem pegá, mas os mais novo num confia ou num tem interesse, prefere tomar píula ou injeção.

Essa "migração cultural" dos povos, substituindo ervas, as benzeções, os serviços de parteira, para a medicina tradicional, ofertada pelo posto de saúde do Tarumã-Mirim também me foi confirmado pela DIV-1<sup>7</sup>, agente de saúde do Projeto de assentamento Tarumã-Mirim, e por outros anciões (ENT-5, 74 anos; ENT-11, 71 anos; ENT-29, 71 anos; ENT-34, 77 anos, ENT-54, 70 anos, etc.) na comunidade Afatam, nas nossas entrevistas. Apesar da declinação da utilização dos remédios caseiros, ainda percebi, em diversos lares, os vidrinhos contendo os óleos da andiroba e da copaíba, com o seu uso destinado para diversas moléstias, consumidos por via oral ou por uso tópico, quer seja sobre feridas, hematomas, ou simplesmente para a cura de sensibilidades dolorosas na pele.

No quintal da DIV-4 verifiquei a existência de diversos canteiros, com plantações de ervas específicas principalmente para chás a propiciar o alívio às cólicas dos bebês, com suas propriedades calmantes, sedativas e antiespasmódicas, tais como: hortelã, funcho, erva cidreira. Apesar da boa divulgação e aceitação ao chá de camomila, não o percebi nas plantações observadas. Perguntei-lhe o motivo dessa ausência e ela me explicou que não consegue fazer germinar as sementes, e quando germinam, "não vingam", não se desenvolvem a contento.

<sup>6</sup> A forma expressa do linguajar caboclo não tem como objetivo estigmatizar o entrevistado, mas sim respeitar a forma de expressão do mesmo. Ressaltamos que, em consulta à Mestre na área da Filosofia da Educação, Elvira Eliza França, me foi esclarecido o seguinte norteamento: "Concordo com a forma de respeitar as expressões das pessoas entrevistadas, registrando o linguajar caboclo. Não se pode ficar elaborando o discurso de alguém com academicismos, porque isso fará com que se perca a característica linguística regional de quem deu o depoimento. Ainda que não seja um trabalho voltado para a análise da linguagem, ele poderá se constituir em material futuro para investigação de algum outro pesquisador nessa área, daí a importância da riqueza linguística dos depoimentos que coletar". Forma de expressão também observada no artigo do periódico "Caminhos", onde doutores e mestre (Baldino; Loures e Almeida) autores da obra, adotaram a mesma sistematização.

<sup>7</sup> Em diálogos com a agente de saúde local (DIV-1), ao questionar-lhe sobre a procura por benzeções, confirmou-nos ela que ocorrerem mais na zona rural que urbana (a mesma fora agente de saúde também na zona urbana por muitos anos). A presença (ou a ausência) de médicos instiga a procura por tratamentos alternativos e as evocações de fé, em busca da cura para seus males.

### 1.3.2 O OFÍCIO DE PARTEIRA

O ofício da parturição continua sendo praticado em diversas localidades rurais brasileiras tendo em vista o diminuto número de médicos para atendimento da população, conforme estudos de Elianne Mesquita (2014, p. 756), porém, essa prática cultural vem se extinguindo no Tarumã-Mirim. Nesse trabalho, ao inquirir a DIV-4 sobre o seu ofício de parteira, ela me falou que “Já aparei mais de 80 crianças, mas agora são poucos os que me procuram pra esse serviço”. Ao lhe perguntar qual a sensação de ajudar no nascimento de um bebê, ela foi sucinta: “É um milagre! Todo nascimento é um milagre. É uma bênção de Deus.”. Confirmou-me ela.

A cultura local vai se moldando, se modificando, instigada pela tecnologia, pelo avançar do meio urbano sobre o rural, tal qual o trabalho de parteira sendo substituído pelo pré-natal e parto com acompanhamento médico no posto de saúde do assentamento. Matos (2015, p. 219) também detectou esse fato, “as mulheres, que antes eram assistidas por parteiras da comunidade, agora passaram a fazer o pré-natal por agendamento de consulta médica”. As demandas pelos serviços de parteira escassearam-se a partir da instalação do posto de saúde local, porque as gestantes procuram o acompanhamento do pré-natal pelo médico da família, e, para o parto, as parturientes deslocam-se para as maternidades em Manaus-AM.

### 1.3.3 AS BENZEÇÕES

A prática da reza é marcada pelo simbolismo católico, característico da realidade rural, porém também podemos observar no contexto urbano. O rezador cura através de meios simbólicos, agindo preferencialmente sobre doenças de gravidade como erisipela, mau-olhado, vermes (SCHWEICKARDT, 2002, p. 153-156), propiciando inclusive equilíbrio emocional, porque foi movido pela fé, em busca da magia que lhes leva à cura.

Pelas análises de Baldino et al (2015, p. 399), as manifestações populares povoam o imaginário popular coletivo e sua transmissão cultural segue as formas tradicionais sobre as quais repousam o universo de saberes da tradição daquele ambiente vivenciado cotidianamente, geralmente herdado de gerações anteriores, transmitido por ascendentes consanguíneos ou mestres que possuíram influências sobre seu desenvolvimento psicológico e cognitivo. “Atividade fruto de expressão de fé, do dom, da missão familiar, da ordem moral, da caridade como princípio e gesto, a isenção de valores financeiros” marcam a tradição, os costumes, a agregação comunitária e a solidariedade neste universo simbólico das manifestações culturais populares em uma prontidão de sentidos que, conforme Milton Santos (2013, p. 129), a procura de bens infinitos como a solidariedade, quanto mais se distribuem, mais aumentam. Solidariedade foi o que presenciei na sua doação, tanto do seu tempo, suas ervas, sua fé e sua disponibilidade à coletividade. Na 2ª entrevista

com DIV-4, solicitei-lhe que falasse como começou o seu ofício de benzedeira,

Só tenho alembança, indêz (desde) mocinha, di qui botavam a criança nos meus braços. Eu cumeçava rezá bem baxinho, divagar, e quando oiava (olhava), a criança surria, aí eu sabia qui tava fazendo a vontade de Deus. E foi acontecendo. Traziam a criança, eu rezava a oração, e a criança ficava bem. E foi vindo criança, e eu rezando, e elas ficando boa. E foi assim que aconteceu.

Essas expressões de fé no Tarumã-Mirim também são mais procuradas dentre os mais idosos, por aqueles que residem há mais tempo no assentamento e pelos católicos praticantes. Explicou-me ela que, para os quebrantos “de fome” e quebranto “de susto”, há uma reza diferente para cada tipo de quebranto. Percebi que, entre 2009 e 2016, período em que executo trabalhos sociais e pesquisas naquela região, as benzeções são mais procuradas para crianças, enquanto que as rezas para “arca-caída” incluem também os adultos. Instiguei-lhe a falar sobre tal.

Tem deferença entre benzê criança e benzê gente grande. Meu dom maió é brenzê criança. Benzo também gente grande, mais é pôco. Reza de criança é dum jeito, a de gente grande é dôtro jeito. É deferente. Purque adulto é uma coisa, e criança é ôtra coisa. Num dá pra fazer a mesma reza não. A criança, quando vem pra eu rezá, é porque tá cum mau oiádo, quebranto de susto, quebranto de fome. A gente grande já vem cum arca caída, espinhela desmantelada. É tudo deferente, achaques deferente. Tudo de gente grande é deferente de criança, intão tem que tê reza deferente também.

Remédio deferente. Essas coisas...

Solicitei-lhe que me falasse quais as orações para um e para outro, porém não houve convencimento possível para ela me falar que palavras ela usava nas orações. Explicou-me que era coisa só dela, que não podia ensinar, se não fosse para alguém que também “carregasse o dom com ela”, para praticar nas pessoas, “fazendo o bem pra quem *pricisasse*”, o que me reportou mais uma vez ao relatado por Baldino et al (2015, p. 390) para o qual sua entrevistada também relatou que as orações não podem ser ditas aleatoriamente sob pena de perderem o efeito, e que benzer é um segredo que só pode ser revelado para quem vai aprender a missão.

### 1.3.4 PUXAÇÃO

Estalar, puxar, massagear, o tradicional “estica-e-puxa” é uma descrição sucinta da prática da puxação, para tratar e prevenir as desordens do sistema neuro-músculo-esquelético. Apesar de complicado em definir a técnica, na prática se resume em ações vigorosas, porém descomplicadas e bastante difundidas no Projeto de assentamento Tarumã-Mirim, ofertadas gratuitamente pela benzedeira e “puxadeira” local. Reportando-me aos relatos da DIV-4, com relação à sua técnica da puxação, pedi-lhe que me falasse como e quando iniciou essa técnica.

Foi assim... Eu cumecei cum meu marido. Ele chegava todo istru-piado da roça, intão eu senti qui eu podia fazer alguma coisa. Qui eu tinha qui fazê! Intão eu cumeçava a parpá (palpar)<sup>8</sup>, pra lá, pra cá, ajeitando os nervo, sintindo onde

<sup>8</sup> Palpação é o ato de sentir com as mãos, que consiste na aplicação de pressão manual variável sobre a superfície do corpo com a finalidade de determinar a forma, a posição, condição dos tecidos. Fonte: <[http://www.quiropraxia.org.br/portal/images/abq/artigos/diretrizes\\_da\\_oms\\_sobre\\_educacao\\_e\\_seguranca\\_em\\_quiropraxia.pdf](http://www.quiropraxia.org.br/portal/images/abq/artigos/diretrizes_da_oms_sobre_educacao_e_seguranca_em_quiropraxia.pdf)>.

tava discunjuntado, e eu fui na pressão mermo botando no lugar (risos). E foi dando certo. Dispois fui fazendo nos fio (filhos), nos vizim (vizinhos), nos parente... Fui praticando. Aperta daqui, puxa dali, ística (estica), troce (torce)... Eu cumecei nos braços, pernas, ombros. O ispinhaço (espinha dorsal) só dispôis di praticá muito, purquê ispinhaço é mais milindroso. Mais dispôis fui criditando que eu podia também cunsertar ispinhaço. Qui eu tinha também esse dom. Eu fui cunhecendo as junta, sintindo onde eles si discunjuntavam, e passei a cunsertar o ispinhaço, e fui praticando, e o pessoal si sentindo mió (melhor). Mas ninguém mi insinó não. Aprindi sozinha, só eu, Deus e os discunjuntados (mais risos). E nisso já si vai pra mais de 30 anos.

Perguntei-lhe se acreditava ser o seu dom uma dádiva especial que Deus lhe deu.

Creio qui sim. Num é todo mundo qui tem esse dom, qui tem jeito pra puxá. Inda mais qui, se discunjuntá, o cabôco pode num andar, ô intonces ficá cum mais dô ainda. A gente tem qui ir sintindo num só cum os dêdo, mas também cum a fé, cum o sentimento. As coisas na vida da gente num é só o que a gente vê. É também o qui a gente sente.

Em um dado momento da entrevista fomos interrompidas por uma visita. Era alguém buscando seus serviços de “puxadeira”. Observei que ela tinha um quartinho reservado para tal função. Cronometrei o tempo do trabalho: 17 minutos. Quem entrou com expressão macambúzia, alquebrada, saiu sorridente. Abraçou-a, agradeceu-lhe e foi embora. Retomamos a entrevista. Inquiri-lhe: DIV-4, observei que a senhora não cobra

pelo “puxamento”. É a sua tática, o seu tempo, e não cobra nada?

Num cobro, purque sinão quebra o dom. Si tenho o dom, sou obrigada a ajudar as pessoas, né? Sinão, pur que eu teria o dom, né, se não for pra ajudar o semelhante? A gente tem que respeitá a vontade de Deus. Veio o comando, o dom, as órde (ordens) de Deus, intonces cabe a nós, pobres mortal, obedecer, e dar graças pur fazer algo prus semeiantes.

Tal similaridade percebemos também nos relatos da benzedeira na obra de Baldino et al (2015, p. 390): “Não há cobrança financeira, pois existe uma ordem moral de acordo com a qual não se pode cobrar sob pena de não valer o pedido ao sagrado”. Tanto para as benzeções, partos, medicamentos e puxações, não há cobrança financeira, para não “quebrar o dom”. Procurei entender sobre essa “quebra do dom”. No caso das “puxações” não é uma técnica? Perguntei-lhe.

É, mas num é só técnica. Num é só isso. Pra descobrir onde tá amassado, tem que ter o dom. Num basta puxar. A gente tem qui ir cunversando e aparpando (palpando), sintindo cum as pontas dos dedos, vendo onde tá rasgado. O qui dá dor é a rasgadura. Intão tem qui saber onde tá rasgado, pra puxar e cunsertá. Mas sem o dom, os dedos num sente. Num discobre onde tá rasgado.

Fiz-lhe uma pergunta capciosa: DIV-4, e se a senhora estiver fazendo algo muito importante, por exemplo, preparando um panelão de pamonha, que não pode parar, e chegar alguém aqui à procura da sua dádiva de benzer ou “puxar”, como fica? “Aí a panela *disarranja* toda, mas

eu atendo”, respondeu-me ela, sorrindo. Perguntei-lhe se ela sentia que esse seu dom às vezes poderia ser um peso: “Não. A bondade é a *mió* forma da gente ser *mió*. Se tem um dom e não se serve dele pra ajudar as pessoas, *disistabiliza o espírito*”.

No transitar entre modernidade e rusticidade, na 3ª visita à DIV-4, resolvi vivenciar, e me beneficiar, da sua técnica de “puxadeira”. Inicialmente benzeu-me, e depois massageou meus braços, desde os dedos das mãos aos ombros, apertando bem, fazendo semicírculos com os dedos, várias vezes. Então ela começou a palpar a minha coluna vertebral, de cima a baixo, perguntando, sondando, rezando. Seus dedos detectavam cada pontinho de dor existente. Nas regiões do corpo onde mais doía, ela iniciava as palpações levemente, intensificando-se à medida que prosseguia com a sua técnica. Intrigou-me profundamente sobre a suavidade onde ela “pressentia” a localidade mais dolorosa no meu corpo, antes mesmo que eu emitisse qualquer gemido de dor.

Mandou-me descer da “cama de exames” (que consistia em um tablado de madeira com um colchão) e deitar-me no chão de tábuas (sua casa é de pau a pique)<sup>9</sup>. Deitei-me. E começou a puxação. Eu ouvia nitidamente o som da minha coluna se reajustando no devido lugar. Creeeeque... Creeeeque... Não consegui definir, pelos seus balbucios, as palavras da oração pronunciada. Percebi que a técnica era a mesma da quiropraxia<sup>10</sup>. Não senti medo, porque percebia sua total segurança. E puxa braço, puxa perna, pescoço, estica, torce. Intriguei-me

por ela ser tão pequenina, frágil e anciã (aproximadamente 1,40m, 45 kg, 63 anos) e possuir tanta agilidade. Ao final, senti que eu me encontrava em um corpo novo, sem as dores que me acometia quando ali cheguei.

## RESULTADOS DA PESQUISA

Por mais duas vezes eu visitei essa mulher, e, em todas as cinco visitas, não me faltaram simbologias relacionadas à fé, tais como os raminhos de arruda murchos após as benzeções, ou os vidrinhos contendo seus óleos curativos, o afofar da terra nos seus canteiros de plantinhas, os seus murmúrios singelos. A eficácia da sua técnica como “puxadeira”, ainda se mantém em grande procura, e, pelas diferenciações das fisionomias dos “clientes”, entre o entrar e o sair do “quartinho dos milagres”, seus “puxamentos” ainda irão perdurar por muito tempo.

Entre a magia e a técnica, constatamos que DIV-4 representa o “anjo bom”, na memória e na cultura no Projeto de assentamento Tarumã-Mirim. Saí desse “mergulho cultural” transformada, porque vi, ouvi, vivenciei, senti e aprendi com aquela mulher que uma grande riqueza da vida não é “ter”, é “ser”. Ser solidária, porque o bem-estar do próximo está além dos seus afazeres domésticos, ou do conforto na cadeira de embalo após o almoço. A qualquer momento em que alguém a procura, está sempre apta a atender.

<sup>9</sup> As casas de palafita, ou pau a pique, são feitas em madeira e ficam suspensas por estacas, por onde passam águas de rios, porém, na comunidade pesquisada não há incidências de enchentes que venham a correr água por baixo das casas. A cultura do pau a pique no Tarumã-Mirim decorre da grande incidência de répteis venenosos, tais como a jararaca (*Bothrops jararaca*) e a pico de jaca (*Hydrolycus scomberoides*), comuns na região. As estacas evitam que elas adentem às residências.

<sup>10</sup> A quiropraxia, dentre as multiplicidades de funções, localiza e corrige um padrão primário de distorção corporal.  
Fonte: <[http://quiropaxia.org.br/portal/rbq/rbq\\_vol\\_4\\_n\\_1.pdf](http://quiropaxia.org.br/portal/rbq/rbq_vol_4_n_1.pdf)>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historicidade do Projeto de assentamento Tarumã-Mirim foi traduzida em palavras, no relato de diversas práticas culturais observadas na pesquisa, através das percepções, representando o que vimos, ouvimos, captamos e interpretamos. Se em alguns momentos me deixei levar pelo sentimento pessoal, instigada pelas emoções, em outros momentos analisamos sob um ângulo impessoal, buscando a subjetividade acima de percepções tendenciosas. Costumes, crenças e memórias proporcionam a continuidade da vida, mantendo crenças, modificando costumes, nas tradições que ora perpetuam, ora se modificam, na interação com a modernidade que adentra nas comunidades rurais.

A palavra benzer vem de fazer a cruz, e presenciei essa simbologia por diversas vezes, e as manifestações de fé entre a benzedeira e aqueles que a buscam para a cura dos seus males. Na cultura popular, matéria e espírito formam o indivíduo, sendo a cura através da sua alma, que passa o comando ao seu corpo. A bênção estabelece interações entre o rezador, o “paciente” e a divindade evocada, em uma trilogia de esperança, crença e solidariedade. Para cada mal, uma reza, para cada dor, uma técnica, tendo como instrumentos a fé e a prática para a cura da sua doença ou um alívio para a sua dor.

O que fazem as mãos e a crença de DIV-4 constitui parte da vivência dos moradores do Tarumã-Mirim, inseridas na sua cultura. Como já mencionado, a

solidariedade, quanto mais distribuída, mais aumenta, e essa “multiplicação dos ‘pães da doação’” tende a aumentar, porque quem a oferta não está vendendo o seu tempo, seus chás, seus óleos, seu carinho, sua ternura e muito menos a sua técnica. Ela está doando amor, a enriquecer a cultura local, tentando manter vivo a sua tradição, que ela carregou por toda a sua vida, a distribuiu, e continua distribuindo-a àqueles que a buscam. Técnica ou magia, a sua significação depende da relação entre ela e o ser a que esse ato se destina, se crê que seja magia ou se sente que seja técnica, porém o resultado se repercute no bem-estar físico e psíquico daqueles que são beneficiados pela sua técnica-fé!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Adjair. **Treinando a observação participante:** juventude, linguagem e cotidiano. Recife: Ed. Universitária de UFPE, 2011.

BALDINO, José Maria; LOURES, Patrícia Marcelina; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães. A educação nas manifestações culturais populares religiosas: benzedores e a transmissão de saberes e "segredos". **Caminhos**, v. 13, n. 2, jul/dez 2015. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/caminhos/article/view/388-400/2464>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. **Diagnóstico Socio-eediconômico-Ambiental do Projeto de Assentamento Tarumã Mirim.** Manaus, 1999. Disponível em: <<http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

CANEDO, Daniele. "Cultura é o quê?": Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

COUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUERREIRO, Silas. As origens dos antropos. In: RIBAS, João Batista Cintra; KEMP, Kênia; PASSADOR, Luiz Henrique et al. (Org.). **Antropos e Psique.** O outro e sua subjetividade. 9. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2009.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. **Velhas benzedeadoras.** Publicado em: Dossiê, o final da vida no Século XXI. [2012]. Doi: 10.5433/2176-6665.2012v17n2p126. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/14025/11836>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

*HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles.* **Minidicionário da língua portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica.** Manaus: Valer; FAPEAM, 2015.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPV, 1974.

MESQUITA, Elianne Cristina. “Entre práticas e saberes” Parteiras práticas, parteiras técnicas e médicos-parteiros. In: REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 18., 2014, Recife. Anais... Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. Tema: Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no Campo da Militância e das Práticas. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2311/674>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2014.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Ensaio em antropologia histórica.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

PEREIRA, Edilson. O espírito da oração ou como carismáticos entram em contato com Deus. *Religião & Sociedade*, v. 29, n. 2, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872009000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872009000200004)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

PINTO, Willer Hermeto Almeida; CARVALHO, Albertino de Souza. Geoprocessamento aplicado a análise físico-territorial da área do Tarumã – AM. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 8., 2007. **Anais...** Florianópolis, 2007. p. 3003-3009. Diagnóstico Sócio-Econômico-Ambiental do Projeto de Assentamento Tarumã Mirim. Manaus, 1999. Disponível em: <<http://mar.te.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf> / [mar.te.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf](http://mar.te.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. **Magia e religião na modernidade: os rezadores em Manaus**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Cláudia. Igreja Católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n. 15, p. 326-351, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n15/a12v8n15.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.